

Resenha

CARVALHO, Flávio de; LEITE, Rui Moreira; LEÃO, Flavia Carneiro (coorg.). **Os ossos do mundo**. Edição rev. e ampl. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1936], 2014. 175 p.

CARVALHO, Flávio de. **Experiência n.2**: realizada sobre uma procissão de Corpus-Christi: uma possível teoria e uma experiência. Rio de Janeiro, RJ: Nau, [1931], 2001. 151 p.

Flávio de Carvalho: um Herdeiro de Cervantes

Eduardo Andrés Mejía Toro¹



Milan Kundera, no seu ensaio “A herança depreciada de Cervantes”² (1986), propõe uma revisão da importância do romance na cultura Ocidental, a partir das conferências que Edmund Husserl ofereceu na Europa Central sobre a crise do homem moderno, nos anos de 1935. Esta crise da humanidade parecia tão profunda que o mesmo Husserl duvidou que a Europa conseguisse sobreviver a ela. Segundo o autor tcheco, Husserl localizava as origens de dita crise no início dos tempos modernos, na herança do pensamento cartesiano, na especialização das ciências, “que tinham reduzido o mundo a um simples objeto de exploração técnica e matemática, e tinham excluído do seu horizonte o mundo concreto da vida” (KUNDERA, 2009, p.11). Segundo Kundera, esse “esquecimento do

¹ Doutorando em Teoria e História Literária do IEL/Unicamp, Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada da FALE/UFMG, formado em Estudos Literários pela Universidade Nacional da Colômbia. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil. E-mail: eamejiat@unal.edu.co

²KUNDERA, Milan. A herança depreciada de Cervantes. A arte do romance. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009.

ser” nas ciências e na filosofia, do quealaria depois Heidegger, é crítico principalmente por não ter considerado o legado de Cervantes, pois foi com esta herança que, nos tempos modernos, se formou a grande arte que explora esse ser esquecido, a arte do romance. Conquanto se formos pensar nos fundadores da modernidade, temos que considerar não só Descartes, mas também Cervantes.

Um leitor atento ao ensaio de Kundera não teria dúvida em reconhecer que o engenheiro e arquiteto brasileiro Flávio de Carvalho (1899-1973) seria um exemplo digno da herança de Descartes. O que pode resultar questionável é que o artista, modernista, desenhista, dramaturgo e escritor Flávio de Carvalho seja, ao mesmo tempo, um dos mais interessantes herdeiros de Cervantes no Brasil, apesar de ele não ter feito nenhum romance, pois o seu legado está presente na procura artística do humano. É claro, um romancista sem romance é antes de mais nada um homem, e Flávio de Carvalho se apresenta para nós como um, ao aparecer diante da sua obra; reconhecemos nele um artista que é a sua obra, um escritor que tem feito de si mesmo, à maneira de Montaigne, o seu campo de experiência arqueológica, na procura desse ser esquecido pela razão.

Reconhecido pela crítica como posterior ao “modernismo” de 22, e às vezes eclipsado pelo apetite antropofágico desse grupo, este engenheiro de espírito *romancista* – no sentido lato de Cervantes, quer dizer, no sentido de artista que indaga a condição humana – não precisou assinar manifestos como modernista para merecer este epíteto. Tanto é assim que a sua obra permite relativizar a harmonia do tão comemorado movimento modernista brasileiro, já que Carvalho geraria uma atitude de *avant garde* única no Brasil, ao demonstrar com a sua experiência estética que “O Modernismo” não foi um movimento de vanguarda única e singular, se não, pelo contrario, foi o fluxo de múltiplos movimentos e

estéticas; experiência que consolida em formas e materiais novos, como uma obra arqueológica do autor/obra/experiência.

Cientes desse eclipsamento da obra de Carvalho e do seu essencial valor estético e historiográfico, vale a pena parabenizar, em um primeiro momento, a Editora Nau, pela segunda edição de **Experiência n. 2** nos anos de 2001, e, em segundo lugar, mas não com menor destaque, a Editora Unicamp pela mais recente edição, revisitada e ampliada, de **Os ossos do mundo**, publicada em 2014. Pode-se reconhecer, sem dúvida, o esforço estético da edição de Nau, por preservar as representações gráficas do artista, desenhos, esquemas, tipografias e até equações que, desde a capa, surpreendem ao leitor, num *collage* de sentidos que sobrevivem desde o manuscrito original. Este esforço estético que caracteriza a edição de Nau só se vê superado pelo acompanhamento crítico da edição da Unicamp que, com evidente destaque, conseguem os organizadores: Flávia Carneiro Leão e Rui Moreira Leite. É uma edição na qual é grato o diálogo que se estabelece com o autor, assim como o acompanhamento pertinente com que os editores orientam os possíveis sentidos apagados; nesta edição, é evidente o trabalho de arquivo, assim como o cuidado no trabalho editorial, pois, como na costura, o editor é bom se é visto só quando se faz necessário. Estas reedições apresentam um autor mais complexo do que a suas primeiras versões, pelo que convidam para si a um leitor sempre mais curioso. É este, na minha perspectiva, o trabalho de uma boa reedição: misturar historiografia, estética e crítica, de modo sutil, para oferecer ao leitor um horizonte mais rico e profundo do autor e seu contexto.

A **Experiência n.2** é uma obra que se divide em duas partes fundamentalmente: “A experiência” e “A análise”. “A experiência” consiste na narração do experimento que realizou o artista, no ano de 1931, de permanecer com o seu chapéu diante de uma procissão de Corpus Christi, o que leva fiéis enfurecidos a uma tentativa de linchamento:

Os crentes, que acompanhavam o cortejo, revoltaram-se com essa atitude e exigiram em altos brados que ele se descobrisse. Ele, no entanto, sorrindo para a turba, não tirou o chapéu, embora o clamor da multidão já se tivesse transformado em franca ameaça. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1931)³

“Palpar psiquicamente a emoção tempestuosa da alma coletiva, registrar o escoamento dessa emoção, provocar a revolta para ver alguma coisa do inconsciente” (CARVALHO, 2001, p. 16). Era o objetivo do artista, apesar de com isso expor a sua própria vida, para reconhecer a faceta humana do Medo.

Nas suas declarações, disse que, há tempos, se vem dedicando a estudos sobre a psicologia das multidões e tem mesmo alguns trabalhos inéditos sobre a matéria. Para melhor orientação dos seus estudos, resolvera fazer uma experiência sobre a “capacidade agressiva de uma massa religiosa à resistência da força das leis civis, ou determinar se a força de crença é maior do que a força da lei e do respeito à vida humana”(O ESTADO DE SÃO PAULO, 1931)



Pensado como uma “análise psicológica das multidões”, a atitude desafiadora da experiência de Carvalho o transformará, aos olhos dos fiéis, num artista sinistro que, na “Análise”, derrubará todos os mitos que sustentam as ideias de nação e de religião na cultura, lembrando que “O deus e a pátria são as coisas mais maleáveis que o homem possui” (CARVALHO, 2001, p. 53)

Nos anos de 1934, Flávio de Carvalho foi convidado a participar do VIII Congresso Internacional de Psicotécnica, em Praga. Será o seu caderno de anotações o que se transformará, dois anos depois, em **Os ossos do mundo**, obra na qual o autor avalia, com olhar de arqueólogo, a presença das maiores tradições do Ocidente, equiparando o nacional, o religioso, o sexual e o

³O Estado de São Paulo. Uma experiência sobre a psicologia das multidões da qual resultou sério distúrbio. São Paulo, 9 jun. 1931.

gastronômico como traços de uma entidade perdida europeia, Ocidental, que no seu declínio persiste em se manter.

Uma coleção de ossos é portanto mais importante a um observador que os ossos do próprio observador [...] A sensibilidade do homem são precisamente os ossos do mundo organizados em coleção; só as coleções podem fornecer comparação e dialética, e consequentemente sugestibilidade. O homem vive no seu mundo mas raramente se dá o trabalho de examinar o mundo em que vive (CARVALHO, 2014, p.52).

O método arqueológico que propõe Carvalho para desenvolver estas duas obras parte da análise psicológica “observador-aventura” como forma de percepção, raciocínio e introspecção; ele considera ao passado como principal ponto de referência, só que a forma desse passado está permanentemente em juízo pela percepção, como a imagem num caleidoscópio é sempre nova, sempre sujeita a influências deformadoras por parte do narrador:

- 1) perda dos acontecimentos no modo de observar;
- 2) deformação dos acontecimentos colhidos pelo modo de ver pessoal;
- 3) perda de acontecimentos durante o processo de recordar para escrever;
- 4) deformação pela apreciação pessoal dos acontecimentos recordados (CARVALHO, 2001, p. 33).

São esses os quatro movimentos que caracterizam o método analítico do autor, são esses os que permitem criar o olhar sagaz que Carvalho desenvolve e que se faz evidente na sua forma mais moderna, no sentido de Cervantes, pois Carvalho adota a sua forma mais *romanesca* quando derruba constantemente os totens da civilização por meio do humor. Ora, se o romance não nasceu do espírito teórico cartesiano mas do espírito do humor cervantino, a obra de Carvalho faz do espírito cartesiano uma forma cervantina como proposta subversiva: “Rebaixado pelo chiste e pela crítica, o

todo poderoso perde o seu encantamento, mostra a sua alma vazia ao escárnio do mundo” (CARVALHO, 2001, p.151)

O humor de Carvalho não só o faz moderno, ao seguir o legado de Cervantes, mas também o faz mais próximo de nós, seus leitores, dali de onde suas obras, apesar de parecerem acadêmicas e de exigirem alguns conhecimentos prévios – para melhor entender o humor e não perder a ironia – estão destinadas para qualquer um que não se comprometa com fazer uma leitura agelasta. A procura do ser esquecido pela razão se consegue na obra de Flávio de Carvalho pelo sorriso inteligente, em que leitor e autor se entregam como herdeiros de Cervantes.

